

2 O que aconteceu a Monteiro Lobato?

Em novembro de 2010, críticas à suposta censura de *Caçadas de Pedrinho* pelo Conselho Nacional de Educação reascenderam a polêmica sobre o racismo na obra infantil de Monteiro Lobato. Sem entrar no mérito dessa discussão, gostaria de começar chamando a atenção para um enunciado secundário em relação ao centro do debate. Comentando o caso, Hélio Schwartsman, colunista da *Folha de São Paulo*, dizia que aprendera a ler pela pena de Lobato e que, em sua opinião, “a obra envelhecera mal”. Seu filho mais novo (David, de oito anos) não tem o mesmo encantamento que ele por *Os 12 trabalhos de Hércules* e, no que diz respeito ao mundo helênico, prefere Rick Riordan¹ a Lobato ou o próprio Homero em suas versões adaptadas para crianças. “Não sei se é o registro de um Brasil rural que não lhes diz mais nada ou se é a concorrência globalizada, mas não vislumbro um futuro muito brilhante para Lobato. Espero estar errado” (SCHWARTSMAN, 2010). Essa mesma sensação de deslocamento e inadequação dos livros de Lobato em relação aos leitores infantis das últimas gerações marca os depoimentos publicados pela Veja-SP em abril de 1998, homenageando os 50 anos da morte do autor².

“Ele tinha uma magia para ensinar as crianças a ler e brincar. Infelizmente, toda uma geração cresceu sem conhecê-lo direito, mais interessada em videogame e computador. Com a peça, ajudamos a apresentar Lobato a essa garotada”, enfatiza Cintia Abravanel, produtora da peça “No Reino das Águas Claras”. “Ele é surpreendente não só como escritor, mas como pensador. O problema é que a linguagem ficou antiga, precisaria de atualização. Os textos tem palavras muito complicadas e o coloquial de hoje não é o mesmo de sua época”, sustenta o escritor José Roberto Torero. Ao passo que Luciano Amaral Araújo, apresentador do Turma da Cultura, argumenta, ao mesmo tempo que recorda: “Comecei a ler Monteiro Lobato quando estava gravando o Mundo da Lua. O personagem que mais me surpreendeu foi o Pedrinho, porque era muito parecido com o Lucas que

¹ Autor dos livros da série *Percy Jackson e os Olimpianos*, publicados no Brasil pela Ed. Intrínseca.

² Naquele ano o Projeto Memória da Fundação Banco do Brasil/Organização Odebrecht promoveu uma série de ações em celebração ao criador do Sítio do Picapau Amarelo: uma exposição itinerante em cinco capitais; um site (www.projetomemoria.art.br); a publicação de um fac-símile do inquérito sobre o Saci realizado por Lobato em 1917 no *Estado de São Paulo*, e publicado pela primeira vez no ano seguinte; e o lançamento de um documentário/ biografia homônimos *Furacão da Botocúndia* (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETA, 1998), ganhadora de um prêmio Jabuti.

eu interpretava. Ambos usavam a imaginação, eram corajosos e curiosos. As crianças e os adolescentes de hoje, no entanto, preferem outro tipo de leitura" (*apud* MATTOS, 2002, s/p).

A tópica é recorrente também nos testemunhos colhidos por José Roberto W. Penteado entre 1989 e 1996. “Comprei Lobato para meus filhos, mas, surpreendentemente, eles não se apaixonaram como eu imaginei. Eles são da geração que atualmente está com 30 anos” – diz, A.W., 66 anos³, arquiteta e professora aposentada (*apud* PENTEADO, 1997, p.325). Outra entrevistada, R.A., 50 anos, professora universitária e psicóloga, lastima não ter transmitido aos filhos o gosto pela leitura do autor. “Para os meus dois filhos, passei Machado de Assis, porque precisava para o vestibular, passei o *Tesouro da Juventude*⁴, não sei, por que eram dois homens e eu achava que o Lobato era para meninas” (*idem*, p.323)⁵. Curiosamente, em 1934, no inquérito realizado por Cecília Meireles sobre as preferências de leitura dos estudantes do DF com idade entre 7 e 10 anos, Lobato figurava entre os autores preferidos das meninas, mas não dos meninos, entre os quais o livro mais preferido era *Através do Brasil*, de Olavo Bilac. Seria uma tendência, partilhada pela entrevista ainda na década de 1950, cujo primeiro contato com o autor se dera entre os 8 e 10 anos? Contra os fragmentos anteriores, este parece indicar que a descontinuidade dessas leituras pode ter sido afetada por outros fatores além do lugar comum da popularização dos desenhos animados, vídeo-games e outros concorrentes do livro.

Em todo caso, o diagnóstico se repete, em tom mais alarmante, num ensaio ganhador do prêmio José Veríssimo da ABL de 1979, escrito Reynaldo Alvarez Valinho. O autor reconhecia as adaptações televisivas do Sítio do Picapau Amarelo como uma das maiores homenagens já atribuídas ao escritor, mas não achava que fizessem jus à velocidade e ao ritmo das histórias originais. Por isso mesmo, era necessário continuar a divulgação de sua obra infantil justo no momento em que...

[...] uma onda planetária transnacional ameaça submergir a literatura infanto-juvenil num mar de histórias que envolve viagens espaciais, robôs, computadores e toda a sistemática demolição de valores representativos de um ecúmeno ecológico em de-

³ As idades dos entrevistados são relativas ao ano de publicação da pesquisa.

⁴ Enciclopédia para jovens e crianças publicada pela primeira vez na década de 1920 e reeditada em 1958, com introdução de Clóvis Beviláqua.

⁵ Acompanho aqui a descrição do inquérito feita por Regina Zilberman em seu artigo na coletânea NEVES; LÔBO; MIGNOT, 2001, p.179-180.

composição que se chamava jaqueira, sagüi, riacho, tudo aquilo enfim que compunha o cenário natural de tantos sítios de outras Donas Bentas e que se encontra em franco processo de extinção (ALVAREZ, 1982, p. 24).

Com pequenas interrupções, adaptações das histórias do Sítio foram exibidas pelas emissoras brasileiras durante quase 40 anos. Na TV Tupi entre 1952 e 1962, na TV Cultura em 1964, na Rede Bandeirantes entre 1967 e 1969. A mais conhecida certamente é aquela exibida pela Rede Globo entre março de 1977 e janeiro de 1986, com música tema de Gilberto Gil, e as atrizes Dirce Migliaccio e Zilka Salaberry nos respectivos papéis de Emília e Dona Benta. Não é por acaso que depois da crise da Editora Brasiliense nos anos 1990, os direitos autorais sobre os livros do autor foram adquiridos pela Editora Globo, fazendo convergir cada vez mais a iconografia dos livros e das séries televisivas. Paralelamente, a enorme disseminação do nome do autor na demarcação de espaços públicos destinados às crianças – escolas, creches, centros de atenção psicossocial, bibliotecas, etc. – é o sinal mais visível de uma sedimentação da memória coletiva que instituiu Monteiro Lobato como uma referência clássica para a infância brasileira ao longo do século XX. Mas subterraneamente a tudo isso, irrompendo de maneira dispersa e intermitente na superfície dos jornais e das conversas cotidianas, uma sensação nada recente, de que *algo se perde* à medida que as novas gerações deixam de travar contato com sua obra infantil.

Podemos recuar ainda mais, até 20.10.1956, data do artigo de Miroel Silveira em *A Tarde Infantil*, citado pelo Padre Sales Brasil. Nele, o jornalista lamentava que “o Brasil tão brasileiro do ‘Picapau Amarelo’ já [estava] ficando para trás e [sic] ameaçado de perder as suas cores na invasão dos quadrinhos americanos” (*apud* BRASIL, 1957, p.301). Diagnosticada ainda próximo da morte do escritor, o “declínio” da obra infantil de Monteiro Lobato não é, de modo algum, uma novidade do século XXI. Na crítica às formas contemporâneas de entretenimento e fantasia, no lamento pela incapacidade de transmitir um encantamento singular às novas gerações, na nostalgia de um ambiente rural tipicamente brasileiro, o autor e sua obra figuram como símbolos de uma infância perdida.

Se a sensação da perda é comum, os discursos que a ela reagem não exprimem as mesmas lembranças e experiências. Para desenvolver melhor o ponto, retomemos com mais vagar o trabalho de Penteadado que acabei de mencionar, na

medida em que ele se tornará agora tão interessante por suas motivações quanto pelos seus “resultados”.

A expressão “os filhos de Lobato” já circula há bastante tempo, utilizada ora para designar uma geração de escritores infantis – como Ana Maria Machado, Lygia Bojunga Nunes, Ziraldo, Ruth Rocha, entre outros – que se reconhecem seguindo os passos do mestre, ora para designar os leitores que cresceram lendo os livros do autor e para os quais essa experiência de leitura constitui uma lembrança distintiva de sua própria infância. A expressão também dá nome ao livro de Penteadado, publicado pela primeira vez no final dos anos 90 e relançado recentemente pela Editora Globo. Nele, o autor busca revelar a extensão da “influência” das histórias infantis de Lobato na formação das atitudes e opiniões de uma parcela específica de seus leitores. O próprio autor admite que esta é uma questão de fundo pessoal, consequência de haver percebido em suas “idéias políticas de adulto, uma clara influência das leituras que fizera de Lobato, *quando criança*” (PENTEAADO, 1997, p.325. Grifo dele).

O foco, inicialmente delimitado na possibilidade de transmissão de conteúdos ideológicos específicos, se alarga sempre que possível, retendo também associações com escolhas profissionais e quaisquer lembranças marcantes envolvendo os livros do Sítio do Picapau Amarelo. O capítulo homônimo reúne o essencial da pesquisa, cotejando dados quantitativos e qualitativos em amostras desiguais. São comparados os dados de três pesquisas de opinião realizadas pelos institutos IBOPE e IPPM, em 1986, e MOMENTO, em 1996, perfazendo um total de aproximadamente 1800 entrevistados escolhidos por sorteio aleatório. A respeito da última delas, o autor reconhece que as respostas revelavam certa confusão entre as várias adaptações televisivas e outros derivados, “com grande predominância de *O Sítio do Picapau Amarelo* como título da obra lida em criança” (*idem*, p.294). Mas contornando essas e outras incompatibilidades dos dados, e desprezando a não-homologia entre algumas das variáveis envolvidas, não hesita em afirmar que houve evidência estatística para uma de suas hipóteses centrais:

Entre metade e três quartos das pessoas que, nos anos 80 e 90, ocupam posições de liderança na sociedade brasileira – pela idade, grau de instrução e/ou capacidade econômica – leram,

na sua infância e juventude, os livros infantis de Monteiro Lobato (idem, p.295. Grifo dele) ⁶.

A ausência de qualquer indicação do que seja o seu conceito de “posições de liderança” deixa como única pista o perfil sócio-profissional dos 69 entrevistados num segundo momento do trabalho: empresários, políticos, funcionários públicos, jornalistas, professores, médicos, advogados, artistas plásticos, paisagistas... (Ver *idem*, p. 299). Assim, a parcela específica dos leitores que lhe interessam ganha os contornos de uma espécie de *elite burguesa*. O argumento se desenvolve ao longo do trabalho reiterando a importância do legado cultural de Monteiro Lobato para a formação dos segmentos “socialmente importantes” da sociedade brasileira, “a influência mais importante entre todas as demais (*idem*, p.360), quando já havia declarado finalmente: “Proponho que o Sítio se transforme em patrimônio principal – ainda que simbólico – de nossa identidade cultural (*idem*, p.354)⁷.”

A crença na necessidade de preservação dessa experiência de leitura e no seu valor positivo para ascensão sócio-profissional e econômica das novas gerações, já havia sido apresentada por Alvarez em seu ensaio de 1979. *Monteiro Lobato, escritor e pedagogo*, considerava importante saber em que medida os leitores de Lobato “se sentiram ou não inclinados ao bom convívio social” (ALVAREZ, 1982, p. 36-37). Segundo ele, não constava que os seus “leitores assíduos” tivessem trilhado o caminho da delinquência em função do autor, mas os jornais estavam cheios de notícias de crianças e jovens subitamente inspirados à má conduta por um programa de TV ou filme.

É claro que existe toda uma literatura altamente comprometedor e que pode eventualmente induzir ao crime. É lógico, porém, que ninguém em sã consciência, poderia capitular a literatura

⁶ O IBOPE entrevistou pessoas nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo (300 em cada), o IPPM apenas em São Paulo (1000) e não há indicação do local da pesquisa realizada pelo MOMENTO (200), com sede no Rio de Janeiro. A única pergunta comum aos três procedimentos era se o entrevistado(a) já havia lido algum livro infantil de Lobato. As respostas são tabuladas pelo IBOPE em função de idade e nível de escolaridade, pelo IPPM em função de idade, sexo, classe sócio-econômica, e pelo MOMENTO apenas em função de sexo e idade (embora neste caso todos os entrevistados possuíssem nível superior completo). A não homologia entre as variáveis impede, entretanto, qualquer generalização consistente em termos de *classe social*. Além dos dados dos institutos de pesquisa, foram enviados cerca de 150 questionários pelo correio entre novembro de 1989 e março de 1996, dos quais somente 1/3 obtiveram resposta. Supondo que se tratem dos mesmos questionários e que fossem compatíveis com as outras 9 entrevistas conduzidas pessoalmente, não está claro se foi mantido nesta fase o critério de seleção aleatória dos entrevistados.

⁷ Na edição mais recente do livro, essa passagem aparece ligeiramente diferente: “Em termos de imaginário, acredito que estamos diante de um objeto cultural tão rico quanto as perspectivas do Pelourinho, na Bahia, que se tornaram, com justiça, patrimônio cultural da humanidade” (PEN-TEADO, 2011, p. 294).

infantil entre os motivos prováveis da criminalidade. (...) Que tipo de inspiração, de mensagem, de estímulo, de orientação receberam esses leitores ao longo dos anos que dedicaram à literatura lobatiana? Essas gerações estão aí, ocupando postos em todos os escalões sociais. (...) O que se pergunta, agora, é em que medida o caráter decididamente ético da obra de Lobato está sendo seguido e partilhado pela nova geração de autores de literatura infantil (*idem*).

De modo semelhante, Penteado instiga futuros pesquisadores a interpelarem as histórias de Lobato “sob o ponto de vista do conteúdo ético” inerente a todas as histórias infantis, no que aquelas se aproximam de *Cinderela*, *Chapeuzinho Vermelho*, *O Pequeno Polegar*, *Branca de Neve* e a *Bela Adormecida*, cujos conteúdos incluíam assassinato, incesto, auto-mutilação, abandono de crianças, canibalismo, chacinas e tortura, “sem que, por isso, se tivessem constituído em sementeira de monstros” (PENTEADO, 1997, p.363). Nessa linha, podemos distinguir ao menos dois conteúdos “negativos”, que mesmo destacados pelos seus entrevistados em relação à obra infantil de Lobato, nunca chegavam a maculá-la: o comunismo e o preconceito racial. O depoimento de RA, a psicóloga e professora universitária que pensava que “Lobato era para meninas”, prossegue narrando os embates com o pai na época de faculdade.

Lembro que, quando vieram os conflitos de 64, eu era universitária e tive uma conversa séria com meu pai, eu disse *Olha meu pai, não sei por que V. está reclamando de tudo isso que estou fazendo, [...] porque V. sempre foi o maior defensor de Lobato e ele sempre falou dessas coisas de nação, de povo, de democracia, mas da verdadeira, através do povo*. E meu pai dizia, não, que eu tinha compreendido mal, que Lobato falava do nacional, mas não dessa coisa de comunista. (*apud idem*, p.323. Grifado no original).

ZC, 49 anos, professora universitária e escritora, única a ter lido novamente os livros do autor para responder à entrevista, diz não acreditar numa influência homogênea daquelas leituras sobre seus diferentes leitores, tampouco que essa estivesse estritamente relacionada à ideologia do autor. Pessoalmente, achava que Lobato escrevia para a elite e seu projeto era formar a criança numa escola no fundo muito moralista. “Eu achava que ele era muito mais revolucionário do que encontrei relendo. O primeiro contato foi um susto, uma decepção, mas tive de reconstruir o tempo dele, até certo ponto” (*apud idem*, 320). ZP, 63 anos, artista e escritor, diz: “essa coisa do racismo em Lobato [é] uma babaquice, típica desses

politicamente corretos de merda. Uma tolice. (...) Acho o Sítio um registro social importante, onde se pode estudar como era a estrutura da época” (apud idem, p. 328-329. Grifado no original).

O envolvimento de Lobato com o partido comunista e sua relação com aqueles ideais é uma faceta recalcada na biografia do escritor, assim como sua adesão à eugenia⁸. Daqueles que o leram ainda crianças nos anos 30 e 40, como pode ser o caso do pai da entrevistada, quantos não se depararam com essa “mancha” e buscaram dissipá-la a fim de preservar uma imagem idealizada do autor? Comunista ou elitista, revolucionário ou moralista, preconceituoso ou ‘histórico’, o Lobato que emerge das impressões pessoais de leitura é uma figura difusa, prenhe de antagonismos em tensão que ameaçam levar à pique qualquer possibilidade de se aferir a transmissão do tesouro cultural do Sítio do Picapau Amarelo. Na edição mais recente do livro de Penteadó (2011), foram suprimidas 5 das 9 entrevistas pessoais transcritas integralmente na edição de 1997, entre elas os depoimentos de RA, ZC e ZP que acabo de citar. Nas entrevistas transcritas parcialmente e em bloco, fica ainda mais evidente a heterogeneidade característica dos registros de memória.

“Desenvolveu meu espírito de aventura, deu asas à minha imaginação, mostrou-me que nada é impossível” (AD, executivo de estatal); [...] “Descobri, ainda criança, que a infância era um momento intenso, incomum, que eu era importante e grande, apesar de pequena. Acreditar que poderia ser o que desejasse e nunca desistir de nada” (CF, Psicanalista); [...] “A sensualidade da relação de Pedrinho com Narizinho me fazia sonhar em ter, um dia, uma relação parecida” (SF, Executiva); [...] “A importância do núcleo familiar na formação do caráter da criança e do adolescente” (FF, executivo); [...] “Senti falta de um personagem masculino adulto. Não me lembro, por exemplo, dos pais de Narizinho e Pedrinho ou mesmo do vovô, marido de Dona Benta” (EW, pedagoga); [...] “Ele me ensinou que qualquer religião é válida, que é uma questão de foro íntimo” (PR, artista

⁸ No rescaldo das polêmicas do ano anterior, a Revista BRAVO! publicou em maio de 2011 uma reportagem sobre as correspondências de Lobato a Arthur Neiva, Renato Kehl e Godofredo Rangel depositadas nos arquivos da Fiocruz e da Fundação Getúlio Vargas. São cerca de 20 cartas inéditas não publicadas em nenhum dos volumes das *OC*. Elas expressam a admiração de Lobato pelo médico Renato Kehl, um dos principais defensores da eugenia no Brasil, a quem confiara o prefácio de *O Problema Vital*, lançado pela primeira vez em 1918. As cartas se estendem até o final da década de 20, quando Lobato já havia tentado emplacar *O Choque das Raças ou O Presidente Negro* no mercado literário norte-americano. Explicava o fracasso da iniciativa a Renato Kehl com o mesmo motivo com qual dizia seria difícil publicar o médico no país: “excesso de concorrência” num país onde a eugenia encontrava-se muito avançada. O ineditismo dessas cartas apenas reforça o quanto a *BC* é um espelho desenhado pelo autor para refletir uma imagem específica. Contra aqueles apressados em inocentá-lo ou culpá-lo, cumpre reconhecer as semelhanças e diferenças entre o pensamento de ambos em sua complexidade específica.

plástico); [...] “Sou católica, essa influência eu não sofri” (MT, artista plástica); “[...] sabíamos que por trás daquelas histórias havia um ser superior, um adorado professor, ensinando coisas da vida. Ele valorizava a vida rural e retratou como ninguém o Brasil rural” (AF, editor); [...] “Monteiro Lobato era muito criativo e encantou minha geração. Foi lido e relido. Deu-nos muito mais que os contos de Andersen, Perrault, Grimm, etc. e nos obrigou a pensar o Brasil” (PP, pesquisador), [...] “Onde a obra de Lobato mais me influenciou foi no interesse pela Grécia, o berço da civilização, através de suas obras-primas, *Minotauro* e *Os Trabalhos de Hércules* [sic]; [...] “Primeiro assinei a opção *influenciou pouco*. Depois de responder ao questionário, apaguei, para assinalar *bastante*, porque ao constatar o que havia ficado gravado na minha memória, fiquei surpresa. Os conceitos de Monteiro Lobato estão enraizados em mim” (LC, socióloga); [...] “A esta altura da vida, as memórias de infância se diluem. Mas respondi às perguntas sem recorrer aos livros, para colaborar” (JS, político). (*apud* PENTEADO, 1997, p.301-311)⁹.

Os entrevistados concordam em geral que Lobato tinha algo a lhes ensinar, sobretudo a valorização da infância, da capacidade de imaginação e a necessidade de se pensar o Brasil. Porém, quando tangenciam temas como as relações familiares e a escolha religiosa, as respostas exibem contradições para além de qualquer convergência possível. Ao invés de um legado coeso e perfeitamente transmissível, as respostas a todas essas entrevistas, e a própria pesquisa como um todo, compõe um enorme esforço de atribuição de sentido à obra infantil de Lobato contra o seu esquecimento pelas novas gerações.

A notar, finalmente, certa decepção dos respondentes, já maduros, em relação às tentativas frustradas que fizeram para transmitir para seus filhos e netos o próprio encantamento e admiração pela obra infantil de Lobato (...) É possível calcular, com razoável aproximação, os anos em que se verificaram as tentativas mencionadas como sendo posteriores a 1960 – portanto, já em plena “era” da televisão – significando que, mesmo que tenha havido interesse ou envolvimento, os cidadãos brasileiros que têm hoje, menos de 40 anos, dificilmente terão passado por experiências idênticas às que são escritas em boa parte dessa obra. Enquanto que os mais jovens – e as gerações futuras – provavelmente jamais as terão. (*idem*, p.341).

Por essa via, Penteado se liga novamente a Reynaldo Valinho, e também Hélio Schwartzman e tantos outros “filhos de Lobato”. Com maior ou menor intensidade e em diferentes matizes, estamos diante de tentativas de delimitação, patrimonialização e transmissão de uma determinada experiência de leitura. Essa

⁹ Mesmo se tratando de citação recuada do corpo do texto, mantive as aspas para distinguir os fragmentos, indicando os cortes de citação com o sinal “[...]”.

experiência é sempre remodelada pelos leitores ao longo de suas vidas, e tem menos a ver com conteúdos políticos e ideológicos, do que com a disputa, o estabelecimento e o reforço de determinados *padrões culturais de infância*. A longevidade da obra infantil de Monteiro Lobato transcorre num espaço de permanente tensão, no qual diferentes gerações *negociam* suas experiências de infância na busca por um denominador comum. O medo é um elemento fundamental nesta negociação: O temor da corrupção das crianças pelas formas contemporâneas de entretenimento e fantasia é, fundamentalmente, um medo da incomunicabilidade, da perda da capacidade de comunicação/diálogo com as futuras gerações. Na resposta a este medo, as leituras de Monteiro Lobato parecem ter constituído uma espécie de imagem paradigmática da “boa infância”. Atualmente as disputas em torno de sua definição e fixação no interior dos grupos sociais é um fenômeno bastante corriqueiro. O observamos em mensagens como esta, copiadas e repassadas todos os dias por usuários das chamadas “redes sociais” na internet.

Fui criança e não tive Blackberry, Iphone, WiFi, Play3, muito menos Xbox. Eu brincava de taco, carrinho de rolimã, de *bang bang*, só ia para casa quando escurecia. Minha mãe não me ligava no celular, só gritava: ‘PRA DENTRO!’ Brincava com amigos, descalço, na areia, no barro, e não usava sabonete antibactericida. Na escola me apelidavam e eu apelidava tb, e ninguém sofria de *bullying*. Que infância perfeita! Cole no seu mural se vc já tomou água da torneira e está vivo!

O que é realmente marcante no caso de Monteiro Lobato é que, ao contrário da rapidez e fugacidade de enunciados como este, sua obra permaneceu para uma grande porção do século passado, de maneiras distintas e em circunstâncias muito variadas, como um elemento de *mediação* privilegiado nessas negociações. Num momento em que nos confrontamos com a impressão de que sua obra é incapaz de se conectar às novas gerações, aquele mistério, que muitos de seus antigos leitores tentaram explicar, continua a nos interpelar continuamente. Deixando de lado a nostalgia da memória, este se torna um ótimo momento para reler Lobato como ele foi *dado a ler*. Dado a ler pela sua própria escritura, isto é, no modo como seus textos se oferecem ao leitor-implícito numa experiência de interação controlada; mas também pelos modos de circulação e distribuição destes textos, via instituições e agentes que mediavam o consumo de livros pelas crianças. Será possível, então, perceber o papel dessas narrativas num *contexto mais amplo de negociação social da infância* na primeira metade do século XX. Um processo em que parti-

cipam instituições como a escola e a família, mas também o folclore, a filosofia, a biologia, a psicologia e a pedagogia. Um complexo jogo colisões, disputas e acomodações, que fixa paulatinamente os comportamentos aceitos e desejáveis para as crianças numa dada sociedade. Porque, qualquer que seja o futuro da leitura e logo dos usos e apropriações dos livros infantis de Monteiro Lobato, seu passado está crivado de solicitações a este tipo de embate.